

INTERCOM-2001
Campo Grande, MT

O EXPERIMENTO INTERMIDIÁTICO: “MÚSICA HQ” OU “ HQs
RADIOFÔNICAS” , APRESENTADO NO PROGRAMA
MOMENTO MUSICAL DA RÁDIO AM UNIVERSITÁRIA DE
GOIÁS.

(Palavras-chave:– HQs – rádio – arte)

por GAZY ANDRAUS
e-mail: gazyandraus@yahoo.com

Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes/
UNESP/SP

RESUMO:

A Nona Arte, embora a última a ser reconhecida, foi a primeira a ser realizada (pintura rupestre, dos homens das cavernas).

O rádio, uma mídia eletrônica que antevio à televisão, continua a existir, embora tenha sido suplantada em audiência pela caixa de imagens.

O objetivo deste trabalho é demonstrar que as duas mídias (o rádio e as HQs) podem se dar às mãos e criar algo reciclado e ao mesmo tempo novo, que é o conceito intermediático *MúsicaHQ* ou *HQs Radiofônicas*.

Com isto passa-se a difundir as HQs num outro meio, ajudando a divulgá-las melhor, além de trazer novos caminhos ao rádio, explorando-o de outras formas, trazendo uma estética de vida – arte, que o ouvinte, como ser humano, pode ter olvidado.

AGRADECIMENTOS:

A Fernanda Furtado por ter me permitido e ajudado a fazer tal experimento na emissora AM Universitária de Goiânia, e a todos que fazem a música, pois alimentam e nutrem a alma de todos nós outros.

“Há coisas que ainda não são verdadeiras, que, talvez, não tenham o direito de ser verdadeiras, mas que o poderão ser amanhã. “

C. G. Jung

in O Pensamento Vivo de Jung. São Paulo: Martin Claret, 1986.

“ O Artista não é uma pessoa dotada de livre arbítrio que persegue seus próprios objetivos, mas alguém que permite à Arte realizar seus propósitos através dele. Como ser humano, ele pode ter humores, desejos e metas próprias, mas como Artista ele é “homem” num sentido mais sublime - ele é um homem coletivo - alguém que carrega e molda a vida psíquica inconsciente da humanidade.”

C. G. Jung(1933, pg189)

apud BELLO, Susan. *Pintando sua alma - método de Desenvolvimento da personalidade criativa*. Brasília: Ed. UnB,1998.

ÍNDICE:

1- Introdução justificada.....	04
1.1- Objetivo(s).....	07
1.2- Metodologia.....	07
2- Desenvolvimento.....	07
2.1-O experimento das “ Musicahqs” ou “ HQs Radiofônicas”.....	09
3- ...E considerações finais <i>ad infinitum</i>.....	12
4- Bibliografia	13

O EXPERIMENTO INTERMIDIÁTICO: “MÚSICA HQ” OU “ HQs RADIOFÔNICAS”, APRESENTADO NO PROGRAMA *MOMENTO MUSICAL DA RÁDIO AM UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS*

1-INTRODUÇÃO JUSTIFICADA:

As Histórias em Quadrinhos (HQs) existem como as conhecemos há quase cento e cinquenta anos, mas a verdade é que elas, as HQs, veículos de comunicação e arte, foram iniciadas na aurora hominídea, quando os primeiros humanos principiaram a narrar seus cotidianos dentro das grutas e cavernas que lhes serviam de guaritas. Antes da escrita (e esta, aliás, desenvolveu-se como um código baseado em desenhos, tais como os hieróglifos egípcios), eram os traços desenhados, que faziam os registros "escritos" do homem.

A ruptura de o que eram as HQs, como algo não existente, para uma forma comunicacional nova, adveio da propagação jornalística, graças à prensa de Gutemberg, e a conseqüente evolução tecnológica (e é bom lembrar que a palavra " técnica" tem a mesma significação original da palavra "arte¹", ou seja, maneira de ser ou agir). Os jornais, enfim, impulsionaram as HQs, em formas de *strip comics* (tiras, faixas cômicas), do mercado de informação norte-americano para todo o mundo, definindo e redefinindo o que se convencionou chamar de "cultura de massa".

Este, bem pode ser um motivo de ter-se mantido as HQs como sublitteratura, desconsiderando-as como objeto de arte.

Ora, se Arte é o mesmo que Tecnologia, e ambas evoluem de acordo com a própria marcha hominídea (pois resultam da tecnificação mental das mentes humanas), as HQs, como produto também do homem, não podem deixar de refletir os anseios mentais deste, evoluindo em concomitância.

A Arte em si, configura-se em que um determinado artista, ou autor, passa a expressar na tridimensionalidade (ou até além dela), anseios estéticos, ligados, consciente ou inconscientemente à ética inerente, em conjunto à moral (do latim: "*mores*"= costumes), que em verdade, como disse Jung, ajudam a "moldar a vida psíquica da humanidade".

Se na Literatura, no cinema, e na televisão (que foi/é? considerada como a oitava arte), existem igualmente manifestações artísticas, autorais, e também comerciais, despersonalizadas, como se oriundas de fábricas, logo, sem autoria, qual a razão de nas HQs, esta classificação aparecer mutilada, restando apenas a configuração da fábrica, do comercial, no tocante às Literaturas Imagéticas (como também se denominam as HQs pelos europeus)?

Isto se dá por falta de uma expansão de conhecimentos, de informações complementares, ausentes em todas as vertentes culturais e acadêmicas de nossa civilização

preconceituosamente "expressiva".

É sabido que a física quântica repensou a física clássica, complementando-a, e atualizando-a, de acordo com as novas descobertas paradoxais da ciência moderna. Jung, apesar de ter feito a cisão com Freud, acabou por auxiliar a psicologia, incluindo conceitos lacunosos nas teorias freudianas, que não podiam, por algum motivo, ser "verdadeiros" naquela época (pré-Jung).

Atualmente, mesmo os conceitos de Jung estão sendo "modificados", re-completados (em concordância com as filosofias orientais e ciência quântica), como o está sendo a medicina ocidental tradicional, tão endeusada, e ainda assim, incompleta, já que agora aceita em algumas faculdades nacionais a inclusão de disciplinas antes tidas como infundadas, tais como a acupuntura, de origem oriental milenar.

O que está havendo é um rizomático emblema que se traduz por novos paradigmas na humanidade.

As HQs foram pesquisadas com mais afinco, a partir dos anos 70, por intelectuais do porte de Umberto Eco, que auferiram valor cultural a elas. Mesmo no Brasil, Moacyr Cirne, Antônio Cagnin, Sônia Luyten e Flávio Calazans repetiram à exaustão, a importância, antes desatenta, das HQs na sociedade.

Ainda assim, o espírito da época se foi, e o adjunto intelectual, que era a mola propulsora do homem "moderno", começou a dar seus ares de mau funcionamento.

Era sintomático, pois as descobertas científicas começaram a ser ricocheteadas mais largamente (como numa espécie de "cultura de massa"), onde agora se mostram escancaradas para todos nós, em todas as profissões, e em todos os sentidos.

Descobre-se por fim, que o "racional" *modus operandi* não é completo, e que a emoção, a intuição, antes relegadas, são tão necessárias quanto a construção racionalizada (ou mais?: "A imaginação é mais importante do que o conhecimento" – Albert Einstein).

E agora, principalmente nas escolas, os livros trazem em seus conteúdos, cartuns, charges e HQs, ilustrando e complementando o ensinamento dos alunos.

Mas ainda não é o suficiente: a França, nos idos dos anos 70, passou a editar em formas de livros grandes, de encadernação luxuosa (tal como os livros "literários")², as HQs, deixando o legado do *status* de Arte, para estas que, em outros países ainda nem saíram do conceito de "nocivas".

A arte é tecnologia, e a tecnologia (arte) evolui, de acordo com o ser humano. As HQs são arte, e evoluem, como a arte (tecnologia), de acordo com a mente de seus autores, inseridos nas sociedades, refletindo seus fatos, ou antecipando conceitos.

Uma das visões de como a Arte pode ser e se classificar, está exemplificada assim:

“É quando surge a arte, em suas diversas manifestações, que Khéde (1984) considera: "plásticas", aquelas que se definem pela sua materialidade objetiva e, portanto, ocupam um lugar no espaço: pintura, arquitetura, etc...; as "rítmicas" se definem pela sua progressão no espírito e, portanto, ocupam um lugar no tempo: a literatura, a música, o canto etc...; as cênicas se definem por sua representação através de unidades móveis e, portanto, ocupam um lugar simultâneo no espaço e no tempo: o cinema, o teatro, a telenovela, a história em quadrinhos etc.”(CAMPOS, Moema Craveiro. A educação musical e o novo paradigma. Enelivros: Rio de Janeiro, 2000, p.16)

Mas este pode ser apenas um modo de se classificar as manifestações. No mundo interconectado atual (e de sempre, em verdade), a música pode (e por que não?) se tornar “plástica”, e as HQs podem ser colocadas ao lado da pintura e arquitetura...nada é tão rígido e divididamente classificatório assim.

Se as divulgações das HQs são quase nulas, e a mídia rádio oferece, além de músicas, serviços de informações gerais, porque não aproveitá-la para auxiliar a propulsionar outra mídia, ou seja, as HQs, fazendo ambas darem-se as mãos.

As programações atuais das rádios, tendem a veicular programas de humor e outros, curtos, como nos esclarece Adami³:

“Verificamos, de acordo com o público alvo, uma tendência na programação das emissoras de rádio, principalmente nas FMs, em veicular programetes de humor ou informativos que fossem curtos, inseridos dentro da programação musical. Por outro lado, as emissoras AM, que são direcionadas a um outro público, ainda continuam proporcionando, por intermédio de seus comunicadores, programas mais populares e de maior duração. Nesse cenário, duas emissoras paulistas – Rádio Mundial e Rádio Iguatemi – resgataram o gênero radionovela, da “Época de Ouro do Rádio”, que vem sendo veiculadas diariamente, com uma linguagem mais atual e duração de aproximadamente trinta minutos por capítulo.”

Enfim, uma união plurimidiática, ou antes intermídiática, entre rádio e HQs é o que se intenta com este trabalho ora exposto.

1.1.OBJETIVO(S):

A Nona Arte, embora a última a ser reconhecida, foi a primeira a ser realizada (pintura

rupestre, dos homens das cavernas). É este um paradoxo...por mais estranho que possa ele o ser.

O rádio, uma mídia eletrônica que antecede à televisão, continua a existir, embora tenha sido suplantada pela caixa de imagens.

O objetivo deste trabalho é demonstrar que as duas mídias (o rádio e as HQs) podem se dar às mãos e criar algo novo, que é o conceito *MúsicaHQ* ou *HQs Radiofônicas*.

Com isto passa-se a ter como objetivo secundário a difusão das HQs num outro meio, ajudando a divulgá-las melhor, já que ainda não têm o devido reconhecimento no Brasil, além de trazer novos caminhos ao rádio, explorando-o de outras formas.

1.2. METODOLOGIA:

Este trabalho apresentará um trecho do programa *Momento Musical*, conduzido por Fernanda Furtado, mas excepcionalmente apresentado por mim⁴ na rádio Universitária AM de Goiânia no primeiro semestre de 2000. O trecho que será divulgado na apresentação deste *paper* no Intercom, será o que traz as adaptações radiofônicas das duas HQs mostradas no programa: “Esquizofrenia das Agradáveis” de autoria de Xalberto, e “Um diálogo além do humano” de minha autoria.

Para tanto, necessitar-se-á de um aparelho reproduzidor de cds, um amplificador e duas caixas acústicas potentes para que o público possa ouvir fielmente os trechos.

2. DESENVOLVIMENTO

Muitos artistas das HQs já se confessaram adeptos da música, tanto no fato de ouvi-las ao criar suas obras, como também de dividir sua profissão, alternando entre a criação de HQs e de Músicas. Algumas parcerias de músicos e artistas das HQs também já se fizeram presentes, como no caso do disco de Arrigo Barnabé *Clara Crocodilo*, cuja capa foi do autor de HQs Luiz Gê. De acordo com Calazans, num artigo publicado na extinta revista *Porrada*, autores da Nona Arte, como Guido Crepax e Druillet confessaram ouvir músicas enquanto concebiam suas artes. Enquanto o primeiro ouvia músicas clássicas, o segundo criava sob a tutela do rock progressivo, como o de Pink Floyd, e da música japonesa:

“(...) o italiano Crepax só desenha ouvindo jazz; o francês Druillet só pega a caneta se ouvir Pink Floyd, Wagner ou música japonesa. O próprio Crumb uma época largou o desenho prá tocar numa banda.”

(CALAZANS, *Revista Porrada*. Ano I, n. 6, São Paulo: Galvão Editora e Distribuidora, s/data)

Outro desenhista brasileiro de HQs, Rogério Cruz, assim responde a uma questão em entrevista à revista *Heavy Metal* acerca de seu processo criativo relacionado com a música:

HV: "Você já teve alguma inspiração pra desenhar alguma HQ a partir de uma Música?"

RC: "Não exatamente, mas a música como trilha pra uma idéia pode inspirar um ritmo e um clima na execução do texto e na visualização dos desenhos." (entrevista dada por Rogério Cruz à revista *Heavy Metal*, ano 2, n. 10, Ed. Heavy Metal: São Paulo, 1997.)

Alan Moore, em início de carreira, já foi baterista e letrista de banda de rock. Simon Bisley ainda divide até hoje, suas incursões pela nona arte e pela música. O brasileiro Luíz Gustavo abandonou, inclusive, as HQs para se dedicar só à música. Edgar Franco toca contra-baixo com um grupo amador chamado *Essence* (com músicas exclusivamente improvisadas). Robert Crumb, o papa do *Comix Underground* toca músicas de raízes (*roots*) até hoje (retornou à cena musical). Eu mesmo já "cantei" como convidado da banda mineira *Essence*, até escrevendo algumas letras de músicas.

Enfim, há algo muito mais estreito entre a música e as HQs, do que podemos imaginar...tão estreito quanto o cinema e as HQs, o que acabou por resultar numa espécie de "triumvirato" mesclado: o cinema atual mescla as HQs (*storyboards*), com a música (trilha sonora). As HQs digitalizadas (no computador), trazem inovações, como a animação e igualmente efeitos sonoros.

Além destes pressupostos, eu mesmo, quando crio algumas HQs, preciso ouvir músicas que de alguma forma repercutem em meu processo, criando estados de percepção que me incitam a elaborar cenas de acordo com meu estado (alterado). O guitarrista de rock, Jimmy Hendrix já havia alertado quanto ao efeito da música: que funcionaria melhor, e em substituição definitiva às drogas lisérgicas, como mecanismo que abre as portas da percepção. Alan Moore atesta que cria sob efeito de drogas alucinógenas naturais, e Aldous Huxley, em seu livro *As portas da Percepção e Céu e Inferno* traça teorias interessantes quanto à consciência humana, incitando-nos a pensar que a raça humana é onisciente, mas seu cérebro limitante assim o é, para impedi-la de ser esmagada pelo fluxo torrencial de informações que ela receberia nestas formas materiais.

O grupo de rock Black Sabbath (que ajudou a criar o conceito do gênero Heavy Metal) também lançou um disco intitulado *Heaven and Hell* (Céu e Inferno), cuja música-título homônima, vai num crescendo de intensidade, mudando seu ritmo na parte final, acelerando-a, aludindo a quem a escuta uma verdadeira "descida" ao inferno, mas que termina ao final, numa calmaria celeste, com um fecho musical calmo, tocado em cordas de um só instrumento (um violão, possivelmente, ou uma guitarra sem distorção). Outro conjunto de rock, o Kiss, já tem inclusive recentemente, uma revista em quadrinhos com seus integrantes como personagens principais (e lembrando que sua vestimenta é claramente inspirada em personagens de HQs), isto sem esquecer de comentar a respeito do roqueiro Alice Cooper, que nos anos 70 chegou a ter uma revista em quadrinhos norte-americana com seu nome, tal qual as personagens Batman e o Coringa.

Com a tecnologia atual, que permite que uma só pessoa grave seu CD, e "toque" todos os instrumentos (bastando para isso apenas pré-gravá-los no computador, por exemplo, sintetizando-os ou sintetizados), em breve podemos crer que as HQs computacionais animadas e sonorizadas terão um novo direcionamento para seu caminho.

2.1- O EXPERIMENTO DAS “MUSICAHQS” OU “HQs RADIOFÔNICAS”:

Convidado pela música Fernanda Furtado, para fazer um programa no seu “Sala de Concertos” - Momento Musical, da Rádio Universitária Am, 870 Mhz, em Goiânia/GO, executei duas HQs, rebatizando a técnica de plurimidiática, chamando estas HQs de “MúsicaHQs” ou “HQs radiofônicas”. As HQs eram *Esquizofrenia das agradáveis* de autoria do autor brasileiro Xalberto, e *Um diálogo além do Humano* de minha autoria.

Para montar as HQs radiofônicas, elaborei, com a ajuda da Fernanda, uma trilha sonora mesclando desde trechos de música clássica até contemporânea, passando por rock e música minimalista e eletrônica. Houve a narração na íntegra dos textos das HQs, trabalhada com minha voz, a de Fernanda e João Sobreira, um radialista da rádio, onde foi montada, editada e difundida a “peça”.

Ao mesmo tempo, como o programa tinha a duração de uma hora, pude (com a condição de convidado), explicar ao público minha profissão, o processo criativo, que é desencadeado pela minha audição de músicas, além de traçar uma explanação acerca do mundo das HQs, escolhendo um pequeno repertório sonoro que não fugisse muito à linha musical do programa, que foi *Prokofiev* (Cantata de Alexander Nevski), *Vivaldi*, canto Gregoriano, e até mesmo duas músicas instrumentais de *Heavy Metal*: *Fluff de Black Sabbath*, e outra de um grupo mais atual chamado *Aeternus*, para que se pudessem quebrar

pré-conceitos e afins.

Esta experiência nada mais foi que um reporte ao que era o rádio em seus idos iniciais, quando havia transmissões de novela, e até mesmo a famosa transmissão radiofônica de Orson Welles, alertando “ficticiamente” aos norte-americanos sobre uma invasão extraterrestre (que causou até alguns casos de suicídio).

Outra experiência interessante, foi com relação ao personagem “O Sombra”, criação literária de Walter Gibson, que na década de trinta foi adaptado para o rádio. Assim começava a abertura do programa:

“Quem sabe o mal que se esconde no coração dos homens? O Sombra sabe. HA! HA! HA! HA! HA! HA!” (...)

“(...)Na abertura do programa, soava a voz sinistra do Sombra fazendo a pergunta do título acima aos ouvintes, a que ele próprio respondia depois de uma pequena pausa. Então soltava sua gargalhada impiedosa, e a garotada ao lado do rádio suava frio de medo, apesar da ansiedade pela aventura que ia começar.

A versão em quadrinhos era inevitável e foi publicada em 1940.”(Feijó, p.32)

O interessante, na época atual, é a inversão de veículos: se com o sombra, primeiro foi por rádio e depois para os quadrinhos, em meu experimento, o rádio serve como segundo veículo das HQs, mesmo em tempo de computadores⁴.

Uma transposição interessante foi entre o rádio e a literatura⁵, onde foi feita uma adaptação de contos de Machado de Assis, transmitidos pela Rádio Cultura FM – 103,3 de São Paulo. A proposta havia sido batizada de radioconto:

“ O radioconto é uma nova proposta de produção radiofônica, que acompanha o ritmo do homem contemporâneo e, ao mesmo tempo, resgata a literatura brasileira que é traduzida em peças de, no máximo, dez minutos. Sugere uma outra postura para os ouvintes: a de “escutadores” de contos que, seduzidos pelas palavras e sons reforçam o poder imagético do rádio.”⁶

No livro *História da Música em Quadrinhos*, de Deyries, Bernard et Al (ver Bibliografia), na p. 89, primeiro quadrinho, os autores traçam um interessante paralelo entre a pintura e a música, mais especificamente a música de Mussorgski:

“A música de Mussorgski - forte e rítmica - é também muito “visual”.

“Quadros de uma exposição”(1874) são impressões evocadas pelas telas de um amigo pintor. A obra foi escrita para piano e seria orquestrada em 1922 por este espectador admirado...Maurice Ravel...” (nota minha: o quadrinho mostra um homem observando uma exposição de quadros num imenso salão).

O irreverente músico norte-americano, John Cage já realizava concertos “desconcertantes”. Num de seus concertos:

“(…) dois executantes, alternando emissões de sons com longos períodos de silêncio, extraem do piano as sonoridades mais heterodoxas, dedilhando suas cordas, percutindo os lados e, enfim, levantando-se e sintonizando um rádio num comprimento de onda escolhido ao acaso, de maneira a poder inserir qualquer contribuição sonora (música, palavras ou distúrbio indistinto) no fato executivo. A quem o interpela a respeito das finalidades de sua música, Cage responde citando Lao Tsé e advertindo o público de que só se chocando com a própria estultice ele poderá colher o profundo sentido do Tao. (...)” (Eco, p. 212)

Assim como as produções em quadrinhos autorais manifestam algo mais:

"Toda obra de arte é uma metáfora: o que ela nos traz não é isto mas está no lugar daquilo. O desvio do sentido *som* pelo *som* para algo que deve exprimir algo mais, torna a arte metafórica." (RICHTER, p. 4)

E assim, tais “metáforas” buscam demonstrar um mundo novo, onde conceitos que jamais poderiam “existir”, passam a configurar como que “miraculosamente”.

Na verdade, esta proposta de *MusicaHQ* ou *HQs radiofônicas* vêm ao encontro do *radioconto* comentado por Adami, que faz com que o ouvinte ouça algo “imagético”, criando e inculcando nele novos conceitos de se ouvir (no caso, o rádio) e ver (no caso, as HQs).

3-...E CONSIDERAÇÕES MUSICAIS AD INFINITUM:

Arte é modo de ser, modo de agir...a vida cotidiana percorreu caminhos que a

distanciaram dos verdadeiros anseios dos seres humanos. O ser humano é em verdade um Artista em *Full time* (tempo integral), ou pelo menos assim ele deveria ser (como apregoa a filosofia Taoista, de se viver sempre o presente, num estado sempre de graça). Daí, o que aconteceu foi uma troca de valores, deturpando o significado real da vida-arte: para a grande maioria dos seres humanos, o “Artista” é um ser dotado de faculdades especiais que a maioria não possui...um grande e grave engodo, visto que a palavra artista deriva de Arte, que por sua vez significa “Modo de ser” de agir. Logo, o estado de vivência natural do ser humano *É* um modo Artístico de ser, de agir (natural, taoísta, por isto beatífico e glorioso), e não erroneamente um estado de dor e sofrimento.

Tal trabalho proposto quer trazer esta “arte” das HQs aliada à arte de se ouvir, então, através da mídia rádio, unindo dois veículos desvalorizados⁷ por causa da tecnologia (a imagem na TV e o movimento sedutor nos vídeo-games e computadores) , mas que ainda têm chance de se reerguerem (o rádio está numa posição muito melhor que as HQs, e pode ajudar a solavancá-las).

Este trabalho, mais seu desenvolvimento e possíveis conclusões se coaduna também com uma interessante afirmação do sociólogo italiano Domenico de Masi, que numa de suas entrevistas dadas no Brasil, afirmou que seu objetivo vital (de se viver a vida) se pauta pela “Estética”, ou seja, afirmou numa das entrevistas dadas à rede cultura de TV de São Paulo, no programa “Roda Viva”, que sua vida se conduz com o objetivo de fruição da beleza, da estética, buscando-a onde quer que possa no decorrer de sua vivência.

E não é esta busca pela “Estética” que peremptoriamente, faz o homem em uma instância interna, viver na acepção real da palavra?

Não é a vida o objetivo da vida? Não estaria implicada a beleza (estética) inerente, nesta busca “desconhecida” pelo homem?

Pode a beleza variar para cada um de nós, mas a estética inerente talvez seja a mesma para todos os homens, em seu íntimo, ou pelo menos o sentimento desta busca, assim como o ser humano tem dois olhos e uma boca, não importando a raça.

Para finalizar, é importante frisar que as palavras não existem para que as sigamos e/ou a aceitemos sem o querer: antes disto (e segundo Pitágoras), elas são vibrações, e que, se assim surgem (diferentemente para cada povo), é porque elas estão em verdade manifestando a existência psíquica destes povos, diferentemente: vindo da essência para a existência, em perfeita ressonância vibracional, quer aceitemos ou não tais fatos (ou palavras).

Que melhor modo de se sentir tais ressonâncias, ouvindo sons e vozes, resgatando o prazer da audição “imaginativa”, através de contos “desenhados” pelo rádio. Creio que a este objetivo, soma-se o intento de trazer este novo experimento reciclado e atualizado, na forma de uma arte renovada, que é a “MusicaHQ”, ou “HQs radiofônicas” (ou quiçá, ainda

simplificando-as mais, como “Hqfônicas” ?).

4- BIBLIOGRAFIA:

- ADAMI, Antonio. O Rádio e a Literatura: Adaptações. In *Líbero*, revista acadêmica de pós-graduação da faculdade de comunicação social Cásper Líbero. Ano III, n.5, p. 67-73, São Paulo, 1º semestre de 2000.
- ANDRAUS, Gazy. *Existe o Quadrinho no Vazio entre dois Quadrinhos? (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas)*. Dissertação de Mestrado do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp. São Paulo. 1999.
- BELLO, Susan. *Pintando sua alma-método de Desenvolvimento da personalidade criativa*. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- CALAZANS, Flávio (org.). *As Histórias em Quadrinhos no Brasil- teoria e prática*. São Paulo: UNESP/PROEX, 1997.
- _____. Revista Porrada. Ano I, n. 6, São Paulo: Galvão Editora e Distribuidora, s/data.
- CAMPOS, Moema Craveiro. *A educação musical e o novo paradigma*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CHUNG, Tsai Chih. *Tao em Quadrinhos*. Ed. Ouro: Rio de Janeiro, 1995.
- CRUZ, Rogério. Entrevista dada à revista *Heavy Metal*, ano 2, n. 10, São Paulo: Ed. Heavy Metal, 1997.
- DE MASI, Domenico. Sociólogo. Entrevista gravada no CD-Rom SESC - on line. São Paulo: 1999.
- DEYRIES, Bernard et Al. *História da Música em Quadrinhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.
- FEIJÓ, Mário. *Quadrinhos em ação: um século de história*. Ed. Moderna: São Paulo, 1997.
- HOUAISS, Antonio. *Arte e Indústria*. Rio de Janeiro: SENAI e Libris Editora, 1992, p.9.
- HUXLEY, Aldous. *As portas da Percepção e o Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- PENSAMENTO VIVO DE JUNG, o. São Paulo: Martin Claret, 1986.
- RICHTER, Frederico (Frerídio). *As metáforas da Música in Brasiliana – Revista quadrimestral da Academia Brasileira de Música, n.4, Academia Brasileira de Música Praia do Flamengo: Rio de Janeiro, janeiro de 2000)*

Endereços virtuais:

edgarf@iar.unicamp.br (Edgar Franco)

www.geocities.com/ritualart.geo (Edgar Franco)

calazans@bignet.com.br (Flávio Calazans)

<http://www.calazans.ppg.br> (Flávio Calazans)

gazyandraus@yahoo.com (Gazy Andraus, mestre em Artes Visuais pela UNESP/SP, e autor de HQs ao público adulto. Goiânia/GO, 21/12/2000 e São Vicente/SP, 13 a 15/05/00).

¹ *Arte*, do latim, *ars, artis*: maneira de ser ou de agir (in HOUAISS, Antonio. *Arte e Indústria*. Rio de Janeiro: SENAI e Libris Editora, 1992, p. 9).

² Na verdade, iniciou-se com o álbum "Saga de Xam" de Nicolas Devil, em fins da década de 60.

³ ADAMI, Antonio. O Rádio e a Literatura: Adaptações. In *Líbero*, revista acadêmica de pós-graduação da faculdade de comunicação social Cásper Líbero. Ano III, n.5, p. 68, São Paulo, 1º semestre de 2000.

⁴ Neste programa, a cada sexta-feira, um convidado diferente é trazido à rádio para selecionar as músicas e discorrer sobre seu trabalho, comungando com o ouvinte suas idéias e conceitos, nas mais variadas profissões.

⁴ e porque não uma nova adaptação das HQs para o meio digital, como por exemplo os fanzines eletrônicos? Para estas questões, pesquisar na bibliografia deste *paper*, o endereço de Edgar Franco, que além de autor de HQs autorais filosóficas adultas, delineia uma pesquisa afim em sua dissertação de mestrado em Multimeios da UNICAMP/SP.

⁵ ADAMI, Antonio. Op. Cit., p.67-73.

⁶ ADAMI, Antonio. Op. Cit., p. 68.

⁷ Rádio com seu som e HQ com sua "imagem".